

Jaci Maraschin, Ecumênico

Julio de Santa Ana*

Jaci Maraschin é um homem com múltiplas facetas. Nessa merecida homenagem a ele conferida, solicitaram que ressaltasse a dimensão ecumênica de sua pessoa. É inegável sua vida de testemunho e compromisso com o movimento ecumênico. Quando penso em seus múltiplos afazeres, nas variadas qualidades de sua pessoa, a dimensão ecumênica ressalta como uma disposição profundamente arraigada em sua vida, que marca toda sua existência. Uma das coisas que me impressionou sempre que tive o privilégio de compartilhar tarefas e reflexões com Maraschin é sua forma de ser, seu bom gosto, seus diversos dons que o fazem, quase como se fosse algo natural, imprimir ao seu temperamento e seu humor um selo que distingue todos que queiram participar no movimento ecumênico.

Wilhelm A. Visser't Hooft, que foi o primeiro secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas, escreveu sobre o significado do termo “ecumênico” no primeiro volume da *Historia del Movimiento Ecuménico, 1517 – 1948* destacando três sentidos diferentes dessa palavra: em primeiro lugar, o sentido político, pois a *oikoumene* estava limitada pelas fronteiras da civilização greco-romana. Em segundo lugar, o sentido da expressão “mundo habitado” para os povos dominados pelos romanos. Quando o cristianismo surgiu, trazia um substrato cultural comum proveniente de uma mesma maneira de entender o mundo administrado pelas leis impostas pelos romanos e usava uma língua comum que permitia viajar de um extremo a outro do Mediterrâneo sem maiores problemas de comunicação: era o grego koiné. Em terceiro lugar, a partir do século IV da “era cristã”, a palavra “ecumênico” também adquiriu um sentido religioso: o “cristianismo ecumênico” era o oficial, protegido pelo império romano, que se interessava em manter a unidade das igrejas. Estes três sentidos clássicos denotam a riqueza que possui o ser ecumênico. Quem vive o ecumenismo em profundidade, tal como Jaci Maraschin, é alguém que vive sua fé refletindo sobre o mundo habitado em suas dimensões mais amplas, buscando encontrar os sentidos que integram e abraçam essa grande diversidade que se experimenta em “todo o mundo habitado” (*oikoumene*).

Isso se manifesta na vida de Maraschin: teólogo, filósofo, homem de letras, músico, poeta, educador e, sobretudo, uma pessoa que possui um temperamento generoso, acolhedor, fraterno e afetuoso. É óbvio que um caráter de tal índole é fruto de elementos próprios, de uma certa educação e da capacidade de incorporar tradições que fortaleçam o desenvolvimento desse tipo de espírito. Jaci Maraschin é anglicano, ligado à comunhão centrada em torno dos desdobramentos da reforma na Igreja da Inglaterra, e ao discorrer sobre seu “ser ecumênico” é imperativo levar em consideração a grande contribuição da comunhão anglicana para o desenvolvimento do movimento ecumênico moderno.

O ecumenismo foi uma das maiores características do cristianismo do século passado. Seu dinamismo foi traduzido através de diversas linhas que conformam a vida das igrejas: a tarefa missionária, o testemunho social, a educação cristã, os movimentos de jovens, etc. A Comunhão Anglicana sempre sublinhou a importância da reflexão sobre as instituições eclesiásticas e a doutrina que lhes permite manter sua

* Teólogo metodista, trabalha atualmente no Conselho Mundial de Igrejas.

fidelidade a Jesus Cristo, Senhor da Igreja. Foi o bispo Brent quem, no começo da segunda década do século passado, se empenhou em pôr em marcha o movimento que recebeu o nome “Fé e Ordem”. Ao fazer isso, reafirmou o ponto de vista anglicano, de que não pode haver unidade entre os cristãos sem convergências fundamentais. A Comunhão Anglicana sintetizou esta plataforma para a qual os cristãos devem convergir através do “Quadrilátero” formado por: a) o reconhecimento de que a fonte de nossa fé se encontra nas Sagradas Escrituras; b) que essa fé, tal como os Apóstolos a proclamaram, se expressa nos Credos Apostólico e Niceno; c) que as igrejas ministram os sacramentos do batismo e da santa ceia; e, d) que existe uma ordem ministerial reciprocamente reconhecida entre as igrejas, que se manifesta visivelmente no ministério do Bispo.

Quem estuda com atenção o desenvolvimento do movimento ecumênico moderno entende que este não poderia progredir do modo como o fez sem essa articulação do chamado “Quadrilátero de Lambeth” proposto, desde 1921, pela Comunhão Anglicana. Jaci Maraschin pertence a essa tradição, sempre atenta a discernir pontos de unidade e convergência entre os cristãos, esquadrinhando os assuntos que parecem nos dividir. Ou seja, a dimensão ecumênica de Maraschin se manifesta em seu afã de discernir o que aproxima entre as linhas que muitas vezes parecem nos separar. Este dom do Espírito, este carisma, se manifestou em Maraschin de modo especial quando foi Secretário Executivo da *Associação de Seminários Teológicos Evangélicos* (ASTE). Merecer a confiança de instituições de ensino e formação teológica a serviço de igrejas diferentes, muitas vezes fechadas e voltadas sobre si mesmas, só é possível se a pessoa que exerce essa responsabilidade for apreciada e respeitada, não apenas por sua competência acadêmica mas também por ser aberta ao outro, disposta a dialogar levando em conta a diversidade e a peculiaridade das diferentes confissões. Isto permitiu a Maraschin, quando foi responsável pela ASTE, não só ampliar de maneira significativa o número de membros, mas também expandir um programa de publicações que muito enriqueceu a formação teológica no Brasil, e que constitui significativa contribuição para o pensamento evangélico e a vida intelectual do país.

Este empenho ecumênico o levou a participar da *Comissão de Fé e Ordem* do Conselho Mundial de Igrejas. Foi membro da mesma durante dois períodos muito importantes, quando a influência e o peso da participação católico-romana se fez sentir muito fortemente, ou seja, quando o diálogo sobre assuntos relativos às doutrinas e disciplina eclesiástica correu o risco de tornar-se rígido e intransigente. Foi neste período também que se fez sentir com maior força o impacto das “teologias do Terceiro Mundo”, entre as quais merecem destaque as diversas expressões da teologia latino-americana da libertação. Durante este período se organizou a Conferência de Fé e Ordem em Santiago de Compostela, Espanha (1993), sobre o tema da “Igreja como comunhão”. Um ano antes, a Congregação para a Doutrina da Fé da Igreja Católica Romana, com o aval de suas autoridades máximas, João Paulo II e o Cardeal Joseph Ratzinger, tornou pública uma *Instructio* sobre este tema, que inicia discutindo os posicionamentos do movimento ecumênico no plano dogmático. Jaci Maraschin, um dos poucos membros da Comissão de Fé e Ordem provenientes das igrejas do Sul, se empenhou em deixar claro que o movimento pela unidade dos cristãos não é, em primeiro lugar, fruto de considerações doutrinárias; antes, tem seu lugar no plano da vida pastoral das igrejas. Soube fazê-lo com esse dom espiritual, com esse carisma já mencionado, que contribui para a convergência e o diálogo e não para o conflito. Não ignora este último, mas não se deixa prender em suas redes.

Já mencionei o caráter múltiplo da pessoa de Maraschin. Quero agora referir-me brevemente a seu valor como intelectual. Durante os poucos anos em que tive a honra e o privilégio de ser seu colega na docência do Centro de Pós-Graduação em Ciências da Religião do Instituto Metodista de Ensino Superior, muitas vezes recebi iluminações que ajudaram em minhas pesquisas. Recordo com admiração que, discutindo sobre assuntos da atualidade, descobri que Jaci já estava informado das questões sobre as quais conversávamos, que havia lido os textos mais recentes, que tomava posição nos debates acadêmicos que recém estavam despontando no Brasil, baseando-se em vasta informação sobre esses assuntos. Isso não se limitava a questões teológicas e tangenciais, mas abarcava outras dimensões da vida intelectual.

Por que mencionar isso nesta contribuição sobre a vida ecumênica de Maraschin? Simplesmente porque, como participante do movimento que busca a unidade das diversas famílias do povo de Deus, religiosas o não, ele manifesta a consciência de que a missão de Deus, a *missio Dei*, não transcorre somente através das sendas trilhadas pelas igrejas, mas se manifesta pelos caminhos mais imprevistos do mundo. O movimento ecumênico moderno sustenta que Deus tem uma economia própria, para a qual nos convida a participar e colaborar (2ª. Cor. 6.1). É uma Obra de reconciliação que não somente transcende a vida das comunidades cristãs, ainda que estas – se são fiéis à ação do Espírito – participam nessa ação divina. Ser ecumênico é ter esta consciência.

E Jaci Maraschin a tem.